

ENSINO DE LÍNGUAS: A LIBRAS COMO L2 PARA PESSOAS OUVINTES

Rian Felipe Arouche Costa Lima¹
Lizandra Sousa Lemos²
Bruna Roberta Pereira Cavalcanti Pessoa³

RESUMO

O presente estudo trata sobre ensino e aquisição da Libras como segunda língua para ouvintes, no que diz respeito ao contato e à interação com a comunidade surda. Desta forma buscamos apresentar a importância de métodos de ensino estabelecidos de forma criteriosa e adequada a esse público para que haja eficácia no processo de aquisição dessa modalidade linguística. A aquisição da L1, a língua materna, ocorre de forma natural e ocorre em um ambiente familiar. As crianças são expostas à sua língua materna desde o nascimento, e o processo de aprendizagem ocorre de maneira inata, à medida que elas interagem com seus pais, familiares e cuidadores. Por outro lado, a aquisição de L2, uma segunda língua, geralmente ocorre em um ambiente mais formal e artificial, como uma sala de aula ou um ambiente de aprendizagem específico. O aprendizado da L2 muitas vezes é facilitado por metodologias de ensino, como aulas, exercícios e práticas de conversação direcionadas. No entanto, a aquisição da L2 pode ser afetada por vários fatores, como a idade do aprendiz, o tempo de exposição à L2, a eficácia das metodologias de ensino e o contexto social. A idade do aprendiz desempenha um papel importante na aquisição da L2, com as crianças tendo uma capacidade mais fácil de adquirir uma segunda língua do que adultos. A metodologia desse trabalho caracteriza-se por uma pesquisa bibliográfica e exploratória. Todavia, a língua materna tem relevância sobre L2, mas há um consenso sobre o uso discriminado dela no ensino, significando, por exemplo, momentos de explicações breves sobre algum mal-entendido, ou sobre algum aspecto gramatical, cultural ou de procedimentos de avaliação. Em síntese, nota-se que o ensino da Libras para pessoas ouvintes como segunda língua, precisa de métodos mais eficazes que garantam uma melhor aquisição da Libras como segunda língua.

Palavras-chave: Libras. Ensino. Ouvintes. Segunda Língua.

INTRODUÇÃO

Ao estudar a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é possível perceber que tal modalidade se difere das outras línguas faladas, sobretudo, por ela se caracterizar como uma língua visual espacial, além disso, é necessário considerar o fator socioeducacional inerente ao seu processo de ensino aprendizagem. Ressalta-se, portanto, que a Libras possui uma gramática específica e está em constante ascensão no panorama institucional (Fortunato, 2020).

¹ Graduando do Curso de Letras Libras da Uniasselvi - MA, rianfelipearouche@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de Pedagogia da Faculdade Anhanguera - MA, lizandramemos161@gmail.com;

³ Graduada pelo Curso de Letras Libras da Uniasselvi – PE, bruna.rpcp@gmail.com.

É importante dizer que a partir da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2022, regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005, finalmente essa modalidade linguística foi legitimada como a língua própria da comunidade surda, sendo determinado que seu ensino deva acontecer em vários níveis. Dessa forma, a pessoa surda deixa de ser apagada socialmente e começa a conquistar seu espaço, conseqüentemente a Libras passa a ser uma língua mais explorada como prática de ensino (Brasil, 2002).

Assim sendo, ensinar a Libras como segunda língua para ouvintes, torna-se imprescindível no que diz respeito ao contato e à interação com a comunidade surda. Entretanto, é preciso que os métodos de ensino dessa língua para ouvintes sejam estabelecidos de forma criteriosa e adequada a esse público para que haja eficácia no processo de aquisição dessa modalidade linguística (Neigrames, Timbane, 2018).

A partir disso, o problema norteador do estudo é: Como ocorre o processo de ensino de Libras como segunda língua para pessoas ouvintes? Nesse hiato, a relevância desta investigação se dá no sentido de averiguar e gerar reflexões acerca das metodologias utilizadas para o ensino da Libras, observando também as dificuldades dos ouvintes na aquisição dessa língua.

Espera-se que a pesquisa possa contribuir no que se refere à ampliação dos estudos sobre o tema proposto, a fim de despertar o interesse de mais ouvintes na aquisição da Língua Brasileira de Sinais, bem como propiciar a reflexão dos docentes que já atuam na área ou que desejam atuar, favorecendo a expansão e otimização de suas práticas de ensino.

METODOLOGIA

O tipo de pesquisa adotada para a realização deste projeto de ensino é de cunho bibliográfico e exploratório. O processo de coleta de dados, se deu a partir de publicações como livros, artigos e dissertações; priorizando uma leitura analítica e seletiva dos fatos, seguida de anotações e observações para melhor aproveitamento do estudo investigativo.

Para selecionar os estudos incluídos nesta revisão, utilizou-se as seguintes bases de dados eletrônicas: Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Scholar. Foram utilizadas as palavras-chave “Libras”, “ouvintes”, “L2” e “metodologias de ensino”. Selecionou-se pesquisas publicadas entre 2000 e 2023, em português, inglês ou espanhol, que descrevem as formas de ensino da Libras para pessoas ouvintes como L2, especificamente

estudantes das licenciaturas em geral e pessoas que buscam fazer curso na área da Libras. Foram analisados seis textos na íntegra, incluindo um livro que discorre sobre a Libras e a consulta da Lei nº 10.436. Os artigos encontrados tiveram como critério de seleção ser de fontes confiáveis, que atenderam e se relacionaram com o tema e os objetivos propostos deste trabalho.

A síntese dos resultados foi apresentada em forma de revisão narrativa. Portanto, trata-se da discussão do tema sob ponto de vista teórico ou contextual, por meio da análise da literatura publicada em livros, artigos de revistas eletrônicas na interpretação e análise crítica dos respectivos autores.

REFERENCIAL TEÓRICO

A língua refere-se a um sistema de comunicação humano específico, composto por um conjunto de regras, estruturas e símbolos que permite que as pessoas expressem pensamentos, ideias e emoções através de sons (na fala), sinais (na linguagem) ou símbolos escritos. Cada língua possui um conjunto único de sons, palavras, gramática e semântica que a diferencia das outras línguas.

A linguagem é um conceito mais amplo que se refere à capacidade inata dos seres humanos de comunicar e expressar ideias. É uma faculdade cognitiva universal que todos os seres humanos possuem, independentemente da língua que falam. A linguagem não se limita apenas à fala, mas também inclui gestos, expressões verbais, linguagem de sinais, escrita e outras formas de comunicação.

Language, palavra inglesa, encontra-se no português em dois vocábulos: língua e linguagem. "Língua" é frequentemente usada para se referir a um sistema linguístico específico, como o português, o inglês, o espanhol, etc. Ela se aplica às línguas naturais que as pessoas usam para se comunicar. Por exemplo, "a língua portuguesa" refere-se ao sistema linguístico específico falado em Portugal e no Brasil. "Linguagem" tem uma abrangência mais ampla e pode ser usada para se referir a qualquer sistema de comunicação, seja ele natural ou artificial. Além disso, "linguagem" também pode se referir à capacidade geral dos seres humanos de comunicar e expressar ideias. Isso inclui a linguagem corporal, a linguagem musical, a linguagem de programação de computadores e muitos outros sistemas de comunicação.

O ponto de vista apresentado neste trabalho é interessante destacar a preocupação dos linguistas em definir claramente o que é "língua" e "linguagem". É

importante notar que esta discussão é uma parte central da linguística, e os linguistas estão constantemente buscando compreender as características específicas das línguas naturais em comparação com outros sistemas comunicacionais. De acordo com Lyons (1987) distinção entre "língua" e "linguagem" e a investigação sobre o que é específico das línguas naturais em relação a outros sistemas comunicacionais são questões fundamentais na linguística, e a pesquisa nessa área continua a contribuir para o nosso entendimento da linguagem humana.

Exatamente, a questão de determinar o que é específico das línguas naturais em relação a outros sistemas comunicacionais é uma preocupação fundamental na linguística. Os linguistas buscam identificar as características distintivas das línguas naturais que as diferenciam de outros sistemas de comunicação, sejam eles sistemas humanos não linguísticos (como a linguagem corporal, a música, etc.) ou sistemas não humanos (como a comunicação animal).

Segundo Saussure (1995, p.170):

Língua não se confunde com linguagem": Isso reforça a ideia de que "língua" se refere a um sistema específico de comunicação, enquanto "linguagem" é uma capacidade inata e mais ampla dos seres humanos de se comunicar. A língua é apenas uma manifestação particular dessa capacidade.

Já Chomsky apud Quadros e Karnopp (2004), afirma que:

Uma linguagem é um conjunto (finito ou infinito) de sentenças": Isso sugere que uma linguagem é composta por um conjunto de sentenças, que podem ser finitas ou infinitas em número. As sentenças são unidades de comunicação em uma linguagem.

A distinção entre língua externa e língua interna, conforme descrita por Chomsky (2004), é um conceito fundamental na teoria da linguagem e na linguística. A abordagem da língua externa está relacionada com a noção de "langue" de Ferdinand de Saussure e com a concepção de língua como um sistema de signos linguísticos que associa sons a significados. Nessa perspectiva, a língua é vista como uma entidade social e coletiva, um sistema de convenções compartilhadas por uma comunidade de falantes. Ela é uma língua tal como é usada e percebida por um grupo de pessoas em uma sociedade.

É importante reconhecer que as línguas de sinais são línguas naturais, com uma gramática própria e uma riqueza de expressão elaborada às línguas faladas. Elas são usadas pelas comunidades surdas em todo o mundo como meio de comunicação primária. Ao contrário da ideia equivocada de que as línguas de sinais são gestuais

ou panminais, essas línguas são tão complexas e capazes de transmitir conceitos abstratos quanto às línguas faladas.

O trabalho pioneiro de William Stokoe, com a publicação do livro "Sign Language Structure" em 1960, foi um marco importante para o reconhecimento das línguas de sinais como línguas naturais legítimas e independentes. Stokoe declarou que as línguas de sinais gramática têm estruturas e estruturas linguísticas complexas, desafiando assim a percepção anterior de que eram apenas gestos rudimentares ou pantomimas. Após as contribuições de Stokoe, a pesquisa sobre línguas de sinais tem se expandido gradualmente, e hoje em dia, a compreensão e o reconhecimento das línguas de sinais como línguas naturais são muito mais amplos. Pesquisadores linguísticos e da área de surdez estudaram diversas línguas de sinais em todo o mundo, documentando suas gramáticas, léxicos e variações regionais.

As línguas de sinais têm uma estrutura complexa que abrange todos os níveis de linguagem, assim como as línguas orais. Eles possuem sistemas fonológicos, semânticos, sintáticos e pragmáticos que permitem a comunicação de uma ampla gama de conceitos, sejam eles abstratos ou concretos.

A observação de Quadros e Karnopp (2004) sobre a diferença básica entre línguas de sinais e línguas orais é fundamental para compreender as características distintivas das línguas. Essa diferença fundamental na organização linguística entre línguas de sinais e línguas orais é uma das razões pelas quais as línguas de sinais são consideradas línguas naturais independentes, com gramáticas próprias e não simplesmente uma forma de comunicação gestual ou pantomímia. Elas possuem uma estrutura linguística complexa e são usadas de forma fluente pelas comunidades surdas para a comunicação cotidiana, expressão artística e cultural, assim como as línguas orais são para as comunidades falantes.

É importante destacar que essas configurações são combinadas de maneira simultânea e específica para formar os sinais em uma língua de sinais. Como você observou, esses parâmetros não carregam significados por si só quando isolados. A combinação precisa dessas configurações é o que confere significado aos sinais. Isso significa que, alterando um dos parâmetros enquanto os outros permanecem.

Em relação à Libras (Língua Brasileira de Sinais) como L2, é importante observar que muitos ouvintes aprendem a Libras como uma segunda língua, e isso pode envolver desafios semelhantes ao aprender uma língua estrangeira. As características da aquisição da Libras como L2 podem variar dependendo do contexto

e da idade de início da aprendizagem. Em alguns casos, a Libras pode ser aprendida como L2 por pessoas que já possuem uma língua materna oral exigida

Basicamente, existem três formas de aquisição de uma L2: a aquisição simultânea da L1 e da L2; a aquisição espontânea da L2 e não simultânea; e a aprendizagem da L2 de forma sistemática.

De acordo com Souza (2009), diferença entre a aquisição de L1 (primeira língua) e a aquisição de L2 (segunda língua) é um tópico importante no campo da aquisição de linguagem e na educação linguística. A observação de que a forma de exposição desempenha um papel fundamental na aquisição da linguagem é consistente com muitas pesquisas nessa área.

O processo de aquisição da linguagem em um ambiente acadêmico difere significativamente da aquisição da L1 (primeira língua) que ocorre de forma natural na infância. Várias variáveis e fatores influenciam a aquisição da L2 (segunda língua) em um ambiente acadêmico. Scliar-Cabral, conforme citada por Quadros (1997), ressalta a importância crucial da exposição à língua nativa (L1) durante o período crítico de desenvolvimento da linguagem na infância. Esta exposição é fundamental para o desenvolvimento psicossocial e linguístico saudável de uma criança.

A observação de Damhuis, conforme citada por Quadros (1997), destaca a importância dos aspectos da interação no ambiente em que ocorre o processo de aquisição da L2 (segunda língua). Os três aspectos referenciais são: O input refere-se à exposição do aprendiz à língua alvo, ou seja, à língua que está sendo aprendida como segunda língua; a produção é uma parte ativa do processo de aprendizagem, na qual o aprendiz tenta aplicar o que foi aprendido por meio do input e O feedback refere-se à resposta ou correção que o aprendiz recebe em relação à sua produção na L2.

Quadros (1997) destaca a importância do input visual na aquisição da Libras (Língua Brasileira de Sinais) e menciona algumas questões relacionadas a esse input. Na aquisição da Libras, que é uma língua de sinais visual-gestuais, o input visual desempenha um papel fundamental. As pessoas que aprendem Libras dependem da exposição visual de sinais e gestos para adquirir uma linguagem de forma eficaz. A qualidade da entrada visual é importante, pois afeta a compreensão e a produção dos sinais da Libras. Isso inclui a clareza dos gestos, a expressão facial e outros aspectos visuais da comunicação em Libras. Lydia White (apud Andréa Mattos, 2001) em relação ao input na aquisição da linguagem destaca questões importantes como o fato de que as evidências linguísticas disponíveis para um aprendiz podem não ser

suficientes para determinar todas as regras e estruturas da língua alvo. Pode ocorrer quando as evidências linguísticas disponíveis para o aluno são intuitivas ou ambíguas, levando a generalizações incorretas ou simplificações na aprendizagem.

A subdeterminação se refere ao fato de que o input linguístico que um aprendiz recebe nem sempre é completo ou explícito o suficiente para determinar todas as regras e estruturas de uma língua. Isso significa que o conhecimento linguístico que uma pessoa adquire (sua competência linguística) inclui noções que não são diretamente óbvias ou ensinadas pelo input. Os aprendizes desenvolvem intuições linguísticas que vão além do que é explicitamente apresentado. Esse conhecimento implícito é fundamental para o uso da linguagem, mas não pode ser totalmente derivado do input, e é uma das razões pelas quais a aquisição da linguagem é um processo complexo. A degeneração refere-se ao fato de que o input linguístico que os aprendizes recebem nem sempre é perfeito. A entrada real pode conter erros, hesitações, interrupções e até mesmo frases agramaticais. Os alunos podem ser expostos a uma ampla variedade de formas linguísticas, algumas das quais podem não ser consideradas corretas ou gramaticais.

A teoria proposta por Chomsky sobre a aquisição da linguagem e da Gramática Universal, essa proposta sugere que existe um conjunto de princípios linguísticos comuns a todas as línguas humanas, que são considerados inatos, ou seja, parte do equipamento biológico da mente humana, e são compartilhados por todos os seres humanos, independentemente da língua que estão aprendendo. A GU fornece um conjunto de regras e estruturas linguísticas universais que servem como base subjacente para a estrutura de todas as línguas naturais. O Dispositivo de Aquisição da Linguagem (DAL), também conhecido como "módulo da linguagem" ou "órgão da linguagem".

A teoria da Gramática Universal e do Dispositivo de Aquisição da Linguagem sugere que a capacidade de aquisição da linguagem seja inata e específica da espécie humana. Isso significa que os seres humanos nascem com uma predisposição biológica para adquirir uma língua e que essa capacidade é direcionada pela estrutura inata de princípios universais, adicionalmente com a exposição ao input linguístico da língua materna. Essa teoria tem sido influente no campo da linguística e da psicologia cognitiva e gerou muita pesquisa e discussão sobre a natureza da linguagem e sua aquisição.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de tudo é importante compreender que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi legalmente reconhecida como forma legítima de comunicação e expressão da comunidade surda, somente após a publicação da Lei nº 10.436 de 24/04/2002, a partir de então, tornou-se a segunda língua oficial do Brasil (Pena; Moura, 2016).

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico (sic) de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico (sic) de transmissão de ideias (sic) e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (Brasil, 2002).

A Libras é a língua natural da pessoa surda e está em constante ascensão no país, principalmente em virtude de dois fatores, que são, respectivamente, a inserção dessa língua nas grades curriculares dos cursos voltados à formação de docente; e o interesse dos indivíduos ouvintes pela proposta bilíngue que favorece o aprendizado dessa língua, resultando na interação com a comunidade surda que se expressa majoritariamente através da língua oral (Pena; Moura, 2016)

Nesse sentido, a implantação da Libras ocorre por meio das lutas da comunidade surda a fim transpor as barreiras históricas do preconceito. Entretanto, somente o reconhecimento legal dessa língua não é o suficiente, é necessário que haja um esforço verídico pela aprendizagem da Libras, compreendendo que isso é essencial para a comunicação e interação com as pessoas surdas (Pena; Moura, 2016)

De acordo com Albres (2016), os espaços para a formação de professores de Libras ainda são escassos no país, visto que até outrora, a Federação Nacional de Educação e Integração dos surdos (FENEIS) era o único ambiente formador existente para o ensino dessa língua, isto é, apenas na FENEIS era possível ter acesso a materiais que contemplam a língua sinalizada, mas ainda com um déficit muito grande em relação a explicações pormenorizadas de sua teoria e exercícios.

Por outro lado, a partir do ano de 1980, a FENEIS começou a desenvolver um olhar mais atento ao ensino da Libras e passou a ser um importante centro formador, apesar da postura autoritária da maioria dos instrutores surdos, que não permitiam que os alunos ouvintes escrevessem durante as aulas, alegando que toda a atenção deveria ser dada às sinalizações (ALBRES, 2016) Salienta-se que as motivações dos ouvintes para aprender a língua de sinais são variadas, dentre elas pode-se destacar:

a necessidade de ensino aprendizagem em escolas diante da inclusão social; as dificuldades de comunicação nas famílias e ambientes que estão inseridos os sujeitos surdos; a interação socioafetiva com esses sujeitos que têm por direito a interação através da sua língua natural; a falta de profissionais para trabalhar no ensino dessa língua, entre outras (Pena; Moura, 2016, p. 183)

Assim sendo, cada ouvinte tem um motivo distinto que influencia na sua busca de aprendizado em Libras, tendo em vista as necessidades inerentes à realidade cotidiana que implica na aquisição de uma segunda língua. Por isso, ao aprender a segunda língua (L2), aprende-se também aspectos identitários e culturais da comunidade em questão, o que promove uma experiência enriquecedora ao indivíduo. (Pena; Moura, 2016)

Nessa perspectiva, ao considerar a proposta bilíngue que eclodiu no Brasil na década de 80, tanto a pessoa surda deve aprender o português, quanto o ouvinte precisa seguir com aprendizado da Libras, visto que ambos os grupos estão inclusos no contexto de interação social. Dessa maneira, para que o bilinguismo se concretize, é necessário desenvolver propostas que auxiliem o ouvinte nessa aquisição da Libras como L2 (Pena; Moura, 2016)

Conforme os estudos de Silva (2020), o que embasa o ensino de Libras direcionado aos ouvintes são as teorias interacionistas e/ou socioculturais. Para os estudiosos dessa linha, a interação é apontada como condição de aprendizado, isto é, compreende-se a influência da mediação como recurso determinante para aquisição da L2. Considera-se a ideia de que permanecer no âmbito em que se utiliza a língua de sinais naturalmente, é fundamental para a evolução da língua.

No entanto, segundo Silva e Moreno (2021), o ambiente em que o ouvinte estiver inserido mantendo contato com a Libras, seja ele profissional, familiar, acadêmico ou religioso, influenciará diretamente no seu avanço em relação à fluência dessa modalidade linguística.

Por exemplo, caso um aprendiz ouvinte que mantém contato com surdos unicamente em contexto acadêmico passe a interagir com outros sujeitos sinalizantes em ambiente religioso, estará então se expondo a situações comunicativas diferenciadas. Se os interlocutores do ambiente acadêmico pertencerem a uma família que tenha oferecido a Libras desde a sua tenra idade e os surdos do ambiente religioso forem pessoas que tenham tido exposição linguística tardia, o aprendiz ouvinte notará a diferença no desempenho desses sinalizantes (Silva; Moreno, 2021, p. 177).

Dessa maneira, para se comunicar com os surdos em contextos situacionais distintos, o ouvinte que está aprendendo a língua de sinais necessitará colocar em

prática recursos linguísticos ainda não utilizados à efetivação da comunicação. Assim, ele permanecerá engajado na aprendizagem e será capaz de se desenvolver linguisticamente (Silva; Moreno, 2021)

Nesse ínterim, para o ensino da Libras, assim como em outras línguas, o professor deve traçar estratégias, utilizando metodologias que auxiliem no aprendizado de maneira a tornar as aulas mais agradáveis e atraentes aos aprendizes, fazendo com que não haja desistências ao longo do processo de aquisição da L2 (Fortunato, 2020)

Na prática, o ensino da Libras deve seguir a estrutura gramatical da modalidade visual espacial, através de movimentos articulados com formas distintas de mãos, que é exposto num certo local do corpo e/ou espaço, abrangendo outros fatores, como a expressão facial e corporal, que tem o intuito de demonstrar a intensidade do sinal realizado, podendo ainda mostrar uma direção ou orientação enquanto efetiva o sinal (Pena; Moura, 2016)

Nesse sentido, é necessário envolver nos métodos que norteiam o ensino da língua de sinais, as especificidades da comunidade surda, incluindo sua cultura, sua identidade e suas características específicas. Com isso, para adquirir a Libras, os ouvintes, que possuem sua língua materna (L1) pertencente à modalidade oral auditiva, devem se atentar a alguns elementos próprios para o aprendizado da L2, sobretudo no que se refere às estratégias visuais (Pena; Moura, 2016).

(...) no ensino de Libras observado no dia a dia, sua abordagem inicia pelo conhecimento teórico, em seguida, e mais trabalhado pelos professores, é focalizado o ensino prático (...) envolvendo o aluno individualmente e coletivamente, alguns deles, abordam dinâmicas utilizando imagens e figuras, fazendo com que os alunos estimulem a percepção visual; utilização de vídeos, de maneira que os alunos produzam sinais de acordo com a prática correta de libras (...) (Pena; Moura, 2016, p. 191).

Nessa perspectiva, considera-se importante o ensino da Libras por meio de situações concretas do cotidiano dos aprendizes, uma metodologia que leve para a sala de aula situações, diálogos, documentos que tenham autenticidade e materiais diversos reais do ambiente social. O intuito de métodos como esse é preparar o aprendente para se comunicar de maneira absoluta fora do espaço institucional com maior habilidade (Neigram; Timbané, 2018)

Destaca-se ainda, que o uso de imagens é muito relevante no que diz respeito à compreensão da configuração de sinais em Libras, haja vista que é uma modalidade linguística visual. Dessa maneira, ao visualizar os sinais, o aluno ouvinte é capaz de

assimilar com mais facilidade a Língua Brasileira de Sinais no seu uso efetivo. (Neigram; Timbane, 2018)

Diante disso, é possível perceber que muitos ouvintes quando estão em processo de aprendizagem apresentam dificuldade, principalmente, no que se refere às atividades propostas, pois necessitam de mais correções, isto é, mais exercícios realizados junto com os professores, para que a fixação dos sinais aconteça de maneira mais firme (Fortunato, 2020)

Nessa tangente, Fortunato (2020) defende a estratégia da sala de aula invertida, afirmando que o contato prévio com os conceitos e a prática de sinais, através de videoaulas, deve favorecer a adição de conhecimento e a resolução mais eficaz de dúvidas. Ao acessarem os conteúdos com antecedência, o docente torna-se, no momento da aula, um facilitador no desenvolvimento da prática do alunado.

A partir dessa perspectiva entende-se que as salas de aula por vezes podem ser menos heterogêneas do que outras, bem como em cursos de LIBRAS que variam em aspectos como a idade, gênero, proficiência e/ou conhecimento na língua, área de formação educacional, nível de escolaridade, além das necessidades e objetivos individuais dos alunos para a aprendizagem da língua de sinais (Gesser, 2006). Com isso, é muito recorrente encontrar, sob o mesmo teto de sala de aula, alunos com objetivos distintos que se configuram em fluência na LIBRAS e outros que detêm de menos conhecimentos e/ou habilidades, muitos destes podem ser representados por intérpretes de língua de sinais, também familiares e amigos, e outros curiosos).

Segundo Carla Murad (2004, p.39.) “Aprendizagem significa saber as regras, ter consciência delas, poder falar sobre elas, exigindo, portanto, um esforço consciente”. Em suma, uma significa saber utilizar a língua, enquanto a outra é saber sobre a língua.

De acordo com Brown (2000) o processo a aquisição de segunda língua por crianças, em termos cognitivos e linguísticos, não há interferências referentes a L1 que comprometa o aprendizado da L2, visto que ele ocorre da mesma forma. No que diz respeito ao público jovem e adulto, por outro lado, os efeitos da L1 sobre a L2 são mais evidentes, principalmente os que estão iniciando o aprendizado. Além de embasar suas formulações linguísticas de que o aprendiz adulto iniciante assume que a língua alvo funciona da mesma forma que a sua língua primeira. A literatura especializada prega que a interferência da LM pode acelerar o aprendizado se for considerado que os “erros” sinalizam o entendimento que o aprendiz tem sobre o

sistema o qual está exposto e que eles seriam situações concretas nas quais o professor poderia intervir e promover correções.

Todavia, por meio das pesquisas realizadas desse estudo é que a língua materna tem um papel importante no processo de aquisição/aprendizagem de L2, mas há um consenso sobre o uso discriminado dela no ensino, significando, por exemplo, momentos de explicações breves sobre algum mal-entendido, ou sobre algum aspecto gramatical, cultural ou de procedimentos de avaliação. Assim, poderia dizer-se que o bom uso da língua materna seria aquele que conduz as práticas mais eficientes e intensivas nas línguas de sinais ao passo que um mau uso é aquele que conduz os alunos a se distanciarem da língua alvo ou que tende torná-los reféns.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, diante de todas as averiguações, nota-se que o ensino da Libras para pessoas ouvintes como segunda língua, sejam elas crianças, jovens e até mesmo os próprios adultos é imprescindível refletir sobre a importância de métodos mais eficazes que garantam uma melhor aquisição da Libras como segunda língua. Assim sendo, é necessário que os materiais didáticos já produzidos e utilizados por estudiosos, pesquisadores e profissionais da educação nos diferentes contextos se apropriem dessas metodologias para que a aprendizagem dessa modalidade linguística seja ampliada e elaborada adequadamente para atender de forma mais eficaz o público-alvo supracitado.

Refletir a importância da disciplina de língua de sinais é entender a importância desta língua natural dos sujeitos surdos como meio de compartilhar conhecimentos dentro e fora do ambiente educacional. A comunicação entre as pessoas é um fator de contato, permite que se estabeleçam relações e, nesse sentido, que se participe da vida social. A importância da aprendizagem da língua de sinais tem como pressuposto a educação social, que tem como cerne da questão “a inclusão”, ou seja, a participação de todos, gerando contato em sociedade, apropriação de direitos e deveres, recepção e emissão de informação.

REFERÊNCIAS

- ALBRES, N. A.. **Ensino de libras: aspectos históricos e sociais para a formação didática de professores**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2016.
- BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências, DF, 2002. Disponível em: Acesso em: 20 de agosto de 2023.
- BRITO, L.F. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- BROWN, H. D. **Principles of language learning and teaching**. San Francisco State University: Longman. 2000
- CRUZ, Carina Rebello. **Proposta de instrumento de avaliação da consciência fonológica, parâmetro configuração de mão, para crianças surdas utentes da língua de sinais brasileira**. 2007. 196 folhas. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre. 2007.
- FELIPE, Tanya A. **Libras em Contexto: curso básico**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Brasília, 2007.
- FINGER, Ingrid; QUADROS, R.M. **Teorias de Aquisição da Linguagem**. Santa Catarina: Editora da UFSC, 2008.
- FORTKAMP, Mailce Borges Mota. **Aspectos da Linguística Aplicada**. Florianópolis: Editora Insular, 2008.
- FORTUNATO, T. O. **Sala de aula invertida como estratégia de ensino de libras como L2 para ouvintes falantes da língua portuguesa**. 2022. 24 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras- Libras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.
- GESSER, A. **Um olho no professor surdo e outro na caneta: Ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais**. Tese de doutorado inédita, Campinas: Unicamp. 2006
- KARNOPP, L. B. **Aquisição do parâmetro configuração de mão dos sinais da LIBRAS: estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos**. 1994. 154 páginas. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, PUCRS, Porto Alegre. 1994.
- LAMPRECHT, R. R. (Org.). **Estudos sobre a aquisição da linguagem: aspectos do português brasileiro e da língua brasileira de sinais**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v.32, n.4, 1997. LYONS, John. **Linguagem e lingüística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

MATTOS, Andréa Machado de Almeida. A hipótese da Gramática Universal e a aquisição da segunda língua. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, V.09, n.2, 2001.

MURAD, Carla Regina Rachid Otávio. **Descompasso entre estilo de ensino/aprendizagem e os objetivos dos alunos**. 2004. 100 folhas. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas. 2004.

NEIGRAMES, W. P.; TIMBANE, A. A. Discutindo metodologias de ensino de libras como segunda língua no ensino superior. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, v. 11, n. 01, p. 140–161, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/react/article/view/2551>. Acesso em: 22 setembro. 2023.

PENA, T. T. da S; MOURA, M. L. de. **O ensino da língua brasileira de sinais como segunda língua para ouvintes na fase adulta**.

QUADROS, R. M. de. **Aspectos da sintaxe e da aquisição da língua de sinais brasileira**. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.110, p.125-146, 1997.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Coutrix. 1995.

SILVA, L. Aquisição de segunda língua: o estado da arte da libras. **Alfa**, v. 64, p. 1 – 29, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/MSXqM6rswbSLPY38xdRCFrm/?lang=pt#>. Acesso em: 22 setembro. 2023.

SILVA, L. da.; MORENO, D. Libras como L2 para ouvintes: a fluência em perspectiva. **Revista da Anpoll**, v. 52, n. 1, p. 162–187, 2021. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1501>. Acesso em: 20 setembro. 2023.

SOUZA, Diego Teixeira de. Língua Brasileira de Sinais: as dificuldades encontradas por ouvintes na execução da marcação não-manual e sua interferência na mudança de significado. FURB: **Linguagens-Revista de Letras, Artes e Comunicação**, Blumenau, v.2, n.3, p. 279-290, 2009.

TAFNER, Elisabeth Penzlien; DA SILVA, Everaldo. **Metodologia do Trabalho Acadêmico**. Indaial: ASSELVI, 2008.